

## PERCEPÇÃO DE ATORES LOCAIS QUANTO A IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DE UM ECOMUSEU EM BABAÇULÂNDIA-TO

### PERCEPTION OF LOCAL ACTORS REGARDING THE IMPORTANCE OF IMPLEMENTING AN ECOMUSEUM IN BABAÇULÂNDIA -TO

KARLÂNIA DE SOUSA DA SILVA <sup>1</sup>  
AYLANA LAÍSSA MEDEIROS BORGES <sup>2</sup>

Recebido em 26.08.2018  
Aprovado em 25.02.2019

#### Resumo

Este artigo trata sobre a importância da implementação de um Ecomuseu como instrumento capaz de resguardar a história e cultura de uma determinada localidade. Teve como objetivo geral compreender a percepção dos atores locais de Babaçulândia-TO quanto a relevância em construir um ecomuseu na cidade, tendo em vista o contexto histórico-cultural do referido destino ser marcado pelo uso do Coco Babaçu. Com relação aos aspectos teóricos, primou-se por discutir pontos acerca do patrimônio cultural e memória; aspectos conceituais e características históricas do museu; e destacar a relação entre turismo e o ecomuseu. Quanto a metodologia tem-se que o trabalho é de natureza qualitativa e foram realizadas entrevistas com os grupos de interesse do destino (setor público e privado, comunidade local). A amostragem foi a não probabilística por conveniência. Como resultados, destaca-se que os atores entrevistados, em sua maioria, não entendem de forma clara o que seria um (eco)museu, porém aqueles que detêm esse conhecimento acreditam que é importante esse tipo de espaço na cidade. Além do mais, constatou-se que o coco babaçu foi essencial para as famílias, e que muitas delas dependiam exclusivamente da comercialização do coco ou de artefatos produzidos a partir dessa matéria-prima.

**Palavras-chave:** Percepção. Atores locais. Ecomuseu. Babaçulândia-TO.

#### Abstract

This article deals with the importance of implementing an Ecomuseum as an instrument capable of protecting the history and culture of a locality. Its general objective was to understand the perception of the local actors of Babaçulândia-TO regarding the relevance of building an ecomuseum in the city, in view of the historical-cultural context of the

<sup>1</sup> Tecnóloga em Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Tocantins/UFT, Brasil. [karlanysousasilva@gmail.com](mailto:karlanysousasilva@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Natal/RN, Brasil. Professora do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, Universidade Federal do Tocantins – UFT, Araguaína/TO, Brasil. [aylana.borges@outlook.com](mailto:aylana.borges@outlook.com)

destination being marked using Coco Babaçu. About theoretical aspects, the focus was on discussing points about cultural heritage and memory; conceptual aspects and historical characteristics of the museum; and highlight the relationship between tourism and the ecomuseum. As for the methodology, the work is qualitative in nature and interviews were carried out with the interest groups of the destination (public and private sector, local community). Sampling was non-probabilistic for convenience. As a result, it should be noted that the interviewed actors, for the most part, do not clearly understand what a museum would be, but those who hold this knowledge believe that this type of space in the city is important. It was found that babaçu coco was essential for families, and that many of them depended exclusively on the commercialization of coco or artifacts produced from that raw material.

**Keywords:** Perception. Local actors. Ecomuseum. Babaçulândia-TO.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo versa acerca da importância da implementação de um Ecomuseu em Babaçulândia/TO, município com aproximadamente 10.752 habitantes, área territorial 1.788,463 habitantes/km<sup>2</sup> (IBGE, 2017). Ainda conforme dados do IBGE, Babaçulândia dista 435 km da Capital do Estado, Palmas, e tem como cidades/estados limítrofes: Darcinópolis e Wanderlândia ao Norte; Filadélfia ao Sul; o Estado do Maranhão ao Leste; e a Oeste; encontra-se Araguaína.

Ressalta-se que esse município teve como primeira atividade econômica a extração do coco babaçu, devido a quantidade abundante de palmeira de babaçu que havia na região. Tal característica marcou a constituição do lugar e o tornou reconhecido, inclusive, pelos trabalhos realizados utilizando-se do coco babaçu.

Refletindo, então, acerca da condição histórica e da importância de resguardar os elementos que marcaram e identificam determinadas localidades, discute-se a possibilidade da implementação de um ecomuseu em Babaçulândia, uma vez que alguns traços em relação ao uso do coco babaçu vem se perdendo ao longo dos anos. Com isso, acredita-se na relevância de resguardar a história local e incentivar o desenvolvimento do turismo no lugar, por meio da construção de um espaço específico.

Os museus apresentam-se como uma alternativa para que se possa preservar algo que foi muito importante no passado, e que merece ser compartilhado no presente com as gerações atuais. São espaços que não se limitam a (res)guardar apenas utensílios ou objetos antigos, considerados por muitos como sem valor, mas configuram-se em locais de aprendizado, que podem revelar as mudanças acontecidas com o passar do tempo.

Nesse contexto, o ecomuseu, termo utilizado para definir a geração da nova museologia, surge como uma alternativa importante, pois ele tem como premissa preservar a cultura e história local, bem como os recursos naturais, fazendo com que os visitantes, turistas e a própria comunidade, conheçam a identidade e peculiaridades do lugar, de modo que a população local possa se envolver nas atividades de conservação e preservação (VASCONCELLOS, 2006).

O município de Babaçulândia, surgiu em 1926 na margem esquerda do Rio Tocantins, e foi chamado inicialmente de “Nova Aurora do Coco”, devido à grande quantidade de babaçu existente e, em seguida, chamou-se, simplesmente de “Coco” (JJ LEANDRO, 2007, p.223).

Com relação ao uso do coco, nesse município, existiam as quebradeiras, ou seja, as mulheres que sustentavam suas famílias por meio do coco babaçu. Babaçulândia destacou-se pelo babaçu na época em que a maioria das atividades econômicas giravam em torno dessa castanha, porém essa riqueza entrou em declínio a partir da década de 80, fazendo com que outra fonte de renda para sobrevivência fosse procurada, ou ainda, que as pessoas buscassem refúgio na “Vila Palmatuba”, a fim de continuar quebrando cocos para sobreviver (CESTE, 2012, p.14).

De acordo com Chaves e Lira (2013) um grupo de mulheres continuou em busca do babaçu, entrando nas matas a procura do melhor coco para fazer azeite, carvão, além do artesanato, descoberta que veio a somar para o processo de comercialização. Conforme os autores, a profissão das quebradeiras de coco era tradição entre as gerações, a avó quebrava coco, a mãe, as tias e, portanto, com a comercialização dos produtos oriundos do babaçu, criava-se os filhos e erguiam-se as casas.

Com o uso do babaçu para fazer artesanato, em 2003, uma Associação de Quebradeiras de Coco foi instituída em Babaçulândia, mas em virtude da falta de valorização da mão-de-obra e recursos financeiros escassos, as quebradeiras descontinuaram com aquelas atividades (CHAVES; LIRA, 2013).

Em síntese, nas décadas de 1940 e 1950, Babaçulândia viveu o auge da exploração do coco da palmeira do babaçu, que servia e ainda serve como dieta alimentar, produção de óleo comestível, além de fornecer utensílios (cestos, peneiras, cercas, janelas, portas, gaiolas) e moradia (matéria-prima na armação e cobertura de casas e abrigos) para as populações carentes (BABAÇU, 2017; JJ LEANDRO 2007, p. 223).

Assim sendo, diante da necessidade de mudança em relação ao trabalho das quebradeiras, devido à instabilidade financeira, pela ausência de valorização de mão-de-obra, discute-se os meios para a implementação de um ecomuseu na cidade de Babaçulândia, com foco em resguardar aspectos históricos da localidade e dar atenção a certos recursos naturais que caracterizam a localidade.

Este artigo teve como objetivo geral compreender a percepção dos atores locais de Babaçulândia quanto a relevância em construir um ecomuseu na cidade; e como objetivos específicos: a) caracterizar os atores locais possíveis de serem envolvidos no processo de implementação do ecomuseu; b) identificar o apoio dos grupos de interesse locais para o desenvolvimento do ecomuseu; c) verificar a viabilidade da implementação do ecomuseu. Salienta-se que este artigo é fruto do trabalho de conclusão de curso da autora, cuja proposta refere-se a um projeto com diretrizes para implementação do ecomuseu na referida cidade.

Portanto, a seguir, apresenta-se o referencial teórico feito para embasar a propositura em questão, com discussões sobre: patrimônio cultural e memória; aspectos conceituais e características históricas do museu; turismo e ecomuseu: entendimento e aspectos relacionais; a metodologia; os resultados e discussões, além das considerações finais.

## 2. PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA: CONCEITOS E DISCUSSÕES INICIAIS

Ao tratar sobre patrimônio cultural e memória percebe-se que os dois são complementares, uma vez que o patrimônio cultural revela objetos ou elementos que fazem parte da cultura de uma determinada comunidade, de um povo, e a memória intenciona manter preservada a cultura da localidade, como algo que detém importância simbólica<sup>3</sup> para os indivíduos daquele lugar.

Nessa perspectiva, para Funary et al. (2001) a palavra patrimônio pode assumir diversos sentidos, e originalmente esteve relacionada à herança familiar, mais diretamente aos bens materiais. Ainda conforme o autor, o patrimônio é uma representação do passado histórico e cultural de uma sociedade, e a construção do patrimônio cultural é um ato que depende das concepções na qual cada época diz respeito sobre o que, porque, e para quem preservar.

A preservação resulta de uma negociação entre o poder público e a população, que além de servir do conhecimento do passado, os remanescentes materiais de cultura são testemunhas de experiências vividas coletiva ou individualmente, que permitem aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de conjunto de elementos comuns que fornecem a identidade coletiva (FUNARY et al., 2001).

O autor esclarece, então, que para algo fazer parte do patrimônio precisa ter feito parte do passado, como objetos antigos, história e imagens, por experiências vividas, não importando se foi individual ou coletiva, mas que permitem ao homem criar um sentimento de pertencimento favorecendo a identidade. Vale ressaltar que a memória será mais significativa quanto mais representar aquela população, e quanto mais afetiva e simbólica ela for, terá mais importância em ser lembrada.

Dessa maneira, tem-se que a memória é uma “forma que os indivíduos e as sociedades recompõem uma relação entre passado e presente, para manter equilíbrio

---

<sup>3</sup> Entende-se como uma representação da evolução histórica do homem.

emocional” (FUNARY et al., 2001, p.18). E quanto ao simbólico, estariam relacionados as práticas realizadas e os produtos servidos que significariam menos pelo seu valor de troca, e mais pelo seu valor de uso e seu valor afetivo (GASTAL; MOESCH, 2007).

Segundo Martins (2003) durante muito tempo a ideia de patrimônio cultural ficou restrita apenas a edificações históricas, prédios e bairros visando manter proteção e impedindo que fossem substituídos por novas formas. Ainda de acordo com o autor, atualmente a concepção de patrimônio cultural ampliou-se e nele foi inserido, não só o patrimônio material, mas todo o legado cultural de um povo, com lendas, festas, costumes, manifestações artísticas, crenças e história oral.

Pollak (1992) explica que a memória parece um fenômeno íntimo, algo somente daquela pessoa e deve ser entendida como um fenômeno coletivo ou social construído coletivamente por um grupo de pessoas de determinada localidade, um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual quanto coletiva.

Percebe-se, então, que a memória cria um sentimento de identidade, não importando se essa memória foi individual ou coletiva, mas fazendo com que as pessoas voltem ao passado, e relembrem acontecimentos que fizeram parte de sua vida e que poderão fazer parte da vida de uma futura geração.

Em razão disso, conhecer o passado do lugar em que se vive é importante, e para fazer com que esse passado seja lembrado, torna-se pertinente preservar a memória. Logo, é nesse contexto que o museu surge, como uma forma de resguardar os aspectos históricos ou culturais de determinado local, e como uma forma de educar a comunidade local para a valorização de sua história e de sua cultura.

## 2.1 ASPECTOS CONCEITUAIS E CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS DOS MUSEUS

Em se tratando de aspectos conceituais e características do museu, parte-se da premissa de que tais ambientes surgiram como uma forma de resguardar os aspectos históricos e culturais de uma localidade, com o objetivo de preservar e conservar algo que foi muito importante no passado e que merece ser lembrado pelas gerações atuais.

Entretanto, Gonçalves (2009) e Magalhães (2017) explicam que no século XVII - 1601 a 1700 - os museus eram somente para aqueles que possuíam poder aquisitivo, ou seja, apenas príncipes e burgueses tinham acesso a esse tipo de ambiente onde estavam expostas as galerias de arte e as grandes coleções de arte. Tinha-se que, só “viajantes distintos e cientistas podiam apreciar as coleções e jardins botânicos dos príncipes europeus” (BARRETTO, 2008, p. 09).

A partir dos anos 1700 os museus passaram a ser de uso público, mas as pessoas teriam que pagar uma taxa pelo uso (GONÇALVES, 2009). O autor ainda ressalta que a galeria da Corte de Presde na Alemanha, por exemplo, facilitou as visitas a partir de 1746; o Ashmolean Museum, na Inglaterra, com foco na Arte e Arqueologia, permitiu o ingresso de especialistas, estudiosos e estudantes universitários; e quanto aqueles museus que dependiam das igrejas, apenas recebiam convidados especiais, governantes e artistas.

Em resumo, considerando as características históricas do museu, ao longo dos anos, tem-se que: na década de 1940 (pós-guerra), os museus não tinham fins lucrativos e abrigavam coleções, com o intuito de conservar, informar, dentre outros, educar; na década de 1950, trabalhos para divulgar momentos da guerra foram elaborados e buscou-se uma aproximação com a sociedade, sendo proposto o museum bus (ônibus convertido em galeria) por volta de 1958; nos anos 60, o museu era considerado um “templo de cultura”, um ambiente onde reunia-se conteúdos culturais, educacionais, artísticos e científicos; e a partir dos anos 1980, os museus tiveram uma aproximação significativa com o público, por meio de outras formas, como exemplo, museus abertos, museu de sítio, ecomuseu e museu comunitário (GONÇALVES, 2009; OLIVEIRA, 2015).

A partir do século XX, buscou-se soluções para atrair diferentes públicos para os museus, em especial os turistas, de modo a apresentar uma nova função educacional e social para tais ambientes (VASCONCELLOS, 2006). Destacando-se que as propostas relacionadas aos “novos museus”, oportunizaram a prática do turismo (OLIVEIRA, 2015).

Nesse sentido, observa-se que o museu, em especial, os novos tipos de museu apresentam um papel importante na construção de uma proposta turística, uma vez que, dentre as funções desse ambiente, estão o ato de preservar o patrimônio histórico e cultural do lugar, salvaguardando elementos que marcaram a vida de um grupo de pessoas, bem

como levando em consideração a sustentabilidade em uma perspectiva de recursos naturais.

Em relação ao museu e considerando o processo histórico de uso desse espaço, tem-se que, inicialmente, apenas estudantes o visitavam, e raramente recebiam turistas. Entretanto, entendendo que o turismo é um campo de práticas histórico-sociais que pressupõe deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes do cotidiano (GASTAL; MOESCH, 2007) cabe a promoção de novos e diferentes estímulos para esta visita.

Neste caso, estimula-se um deslocamento marcado por novas práticas e comportamentos diante da busca pelo prazer-lazer, tendo em vista que o turismo constitui um fenômeno sociocultural de significativo valor simbólico para os sujeitos que o praticam (GASTAL; MOESCH, 2007). Segundo o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (2014):

Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e de seu meio, para fins de estudo, educação e lazer.

Conforme Sheiner (2012) os museus devem estar a serviço da humanidade, e sua principal função é a informação e a educação. Vale esclarecer que a responsabilidade de preservação do patrimônio é de cada cidadão e do Estado, cabendo novas posturas coletivas e individuais de atenção ao patrimônio comum, tanto natural como o cultural (GASTAL; MOESCH, 2007).

Com isso, entende-se que o objetivo dos museus, de uma maneira geral, é preservar, conservar o simbólico, além de ser um espaço importante para promover a educação cultural, como também promover, dentre as segmentações existentes, o turismo cultural.

Associando, portanto, a compreensão do que é um museu e suas características a proposta do turismo, tem-se que muitas pessoas se deslocam do seu lugar habitual por curiosidade de conhecer outras culturas, a história local, e diante disso, o museu mostra-se como um lugar apto para que turistas possam obter informações relevantes a respeito do local visitado e conhecer as marcas do passado de um lugar e das pessoas que lá

viveram e/ou que ainda vivem. E, pensando nas novas formas de museologia, a seguir, tem-se uma discussão acerca da relação e entendimento sobre turismo e o ecomuseu.

## 2.2 TURISMO E ECOMUSEU: ENTENDIMENTO E ASPECTOS RELACIONAIS

O turismo e o uso do museu para fins dessa atividade mostram-se como uma realidade possível, em que um auxilia o outro para um possível desenvolvimento de ambas as partes. Ou seja, desenvolvimento local e aumento de fluxo em termos de visitação, experiências e conhecimento quanto a história de um destino.

De acordo com Hernandez (1994 apud Vasconcellos, 2006) os museus se diversificaram não como forma de aumentar suas receitas, mas para fazer com que o público tenha uma motivação profunda de se deslocar de um lugar para outro, a fim de conhecer sua cultura e valorizar a identidade local. Ainda segundo o autor, os museus recebiam poucos turistas, esses que eram considerados os principais causadores de dano no patrimônio cultural, porém, na contemporaneidade, receber um turista em um museu é muito gratificante, e criam-se estratégias para conquistar o referido público, acreditando que eles têm um papel fundamental no desenvolvimento desse tipo de ambiente.

Salienta-se que se nos primórdios o museu era um ambiente em que circulavam apenas pessoas da alta nobreza, ao longo do tempo, o acesso a tais espaços tornara-se, cada vez mais, acessíveis, passando inclusive por variações em termos do seu papel nas localidades. Conforme o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM (2014), os museus são vistos como porta de entrada para o turismo, haja vista que, quem viaja deseja conhecer a cultura e a mesma impulsiona de certa maneira o turismo, já que preserva identidades culturais de uma localidade, e permite conhecer onde se visita.

Assim sendo, compreende-se que os museus não atraem apenas a população local, mas também turistas e aqueles que, por diferentes motivações, visitam determinado destino. Além do mais, percebe-se que as áreas do turismo e museu exigem profissionais entendidos sobre conceitos e práticas específicas de cada um, de forma a beneficiar os dois setores a partir do desenvolvimento de atividades e estratégias conjuntas que venham

para incrementar e valorizar a cultura no país. Dessa forma, conforme o IBRAM (2014, p. 13):

Museu e turismo, apesar de pertencerem a universos distintos de conhecimentos e práticas, necessitam se encontrar e dialogar para o desenvolvimento de ambos. Com o fortalecimento das políticas públicas para a área, os museus brasileiros têm se qualificado tanto tecnicamente como em infraestrutura, se tornando cada vez mais um atrativo presente nos roteiros turísticos. A diversificação e a qualidade dos atrativos turísticos, por sua vez, trazem grande dinamismo econômico ao setor, com repercussões favoráveis para os locais de destino.

JJ Leandro (2007) esclarece que turismo e museu concorrem, portanto, para proporcionar transformações nos locais, transformações essas que estão na base dos ritmos e direções daquilo que convencionamos chamar de desenvolvimento. Para o autor, a relação de turismo e museu estabelece, então, o turismo cultural, o que leva muitas pessoas a se deslocarem de seu lugar habitual para conhecer outras culturas, costumes, histórias, folclores, lendas.

Nesse sentido, considerando os museus e destacando a proposta de construção de ecomuseus, explica-se que este último está relacionado a participação ativa da comunidade, para expor suas ideias sobre o que deve ser melhorado e o que não precisa ser mudado, tendo em vista que são os moradores que convivem no local, e são os que mais percebem o que é interessante e o que não é para seu local habitual. Em conformidade Djordjević (2015) diz que os ecomuseus foram criados em virtude da necessidade de redefinição do papel do museu e sua relação com o público.

Além disso, Para e Negacz (2014) e Huffner et al. (2018, p. 237) destacam que os ecomuseus surgem trazendo uma preocupação com a sustentabilidade socioambiental, lidando com um viés “social, político, cultural e ambiental, contribuindo para o desenvolvimento humano, com respeito ao patrimônio natural e cultural a partir de ações voltadas à sua valorização e preservação”.

Atrelada a esta questão, Magalhães (2017, p. 117) esclarece que “o museu passa a abrir as suas portas à comunidade, de forma a abranger (...) instrumentos associados a atividades tradicionais, mas também passa a contribuir para manter vivas essas atividades,

que já não se coadunam com a economia de mercado e até da especulação do mundo atual”.

No contexto de crítica ao museu tradicional, surgiram, na França, em Portugal e no Canadá, os ecomuseus e, especialmente, na década de 1970 um dos seus principais criadores e idealizadores, conforme Varine Bohan (1976 apud Vasconcellos, 2006) esclareceu que:

O Ecomuseu é uma instituição que administra, estuda, explora com fins científicos, educativos e em geral culturais o patrimônio global de uma determinada comunidade compreendendo a totalidade do ambiente natural e cultural dessa comunidade. Por essa razão o ecomuseu é um instrumento de participação popular no planejamento do território e no desenvolvimento comunitário. Os ecomuseus empregam todos os recursos e métodos de que dispõe para fazer com que essa comunidade aprenda, análise, critique e domine de maneira livre e responsável os problemas que se apresentam a ela com todos os domínios de vida.

Segundo Barretto (2008) e Huffner et al. (2018), o Ecomuseu de Le Creusot, surgiu por iniciativa de Marcel Erad e Hungues de Varina, na região de Borgonha, em 1974, uma região que teria sido, a partir do século XVII, uma das mais prósperas da França, onde estava instalada a indústria de ar e as locomotivas que faliram após a Segunda Guerra Mundial. O referido ecomuseu ocupou uma área de 500 km, metade urbana e metade rural, com 150 mil habitantes e duas comunidades dentro do qual toda planta e todo animal e todo objeto era considerado patrimônios.

Esse tipo de museu era composto por equipes de profissionais técnicos, de pesquisadores e da comunidade em si que participavam expondo suas ideias, tendo em vista que o ecomuseu apresenta um “envolvimento extensivo com o território e procura a preservação paisagística e histórica, com ou sem a comunidade originária” (BARRETTO, 2008; OLIVEIRA, 2015, p. 160).

Entende-se que a proposta de criação de ecomuseus permite visualizar uma integração em termos de grupos de profissionais e comunidade, envolvidos com o objetivo de (res)guardar elementos tanto culturais quanto naturais de um destino, o que torna essa proposta diferente do museu tradicional.

O Ecomuseu inovou muito a partir do século XX, com museus ao ar livre onde não só seria um lugar para guardar utensílios ou objetos antigos, mas também um lugar para discutir propostas e problemas relacionados ao mesmo (BRULON, 2015). Para Barretto (2008, p. 16) elucida que:

O primeiro museu comunitário foi o de Anacostia, localizado no distrito de Washington habitado por maioria afro-descendente. O museu depende da Smithsonian Institution, que responde por doze museus naquela cidade. Neste museu, que funciona em uma casa, foram utilizadas técnicas museísticas para educar a população no combate a problemas sociais. Na atualidade, pode-se dizer que o museu de Anacostia é um centro cultural de celebração da cultura afro americana.

Desse modo, Sheiner (2012, p. 3), explica que o conceito de “Ecomuseu” está relacionado a proposta de “Museus Comunitários”, a saber:

O termo “Ecomuseu” passou a ser sinônimo de um tipo muito especial de museu comunitário, fundamentando a musealização de um território e na realização entre território e o meio ambiente integral entendido como patrimônio e as comunidades que conviveram ou convivem.

Para o referido autor, o ecomuseu não é considerado uma proposta revolucionária, mas é uma reatualização do museu, ele não é exatamente igual a um museu tradicional, nem na forma ativa como é relacionado, mas é uma alternativa para ressignificar as comunidades que desejam valorizar o patrimônio no âmbito local. É destacado ainda como característica sobre ecomuseu que as comunidades se fecham por medo da perda de referenciais, ou seja, por medo de mudanças, é como se elas tivessem protegendo o seu sentimento de perda.

Segundo Vasconcellos (2006); Para e Negacz (2014) e Djordjević (2015), os ecomuseus nascem a partir da participação da comunidade nas tomadas de decisão, pois são elas que representam seu local e sabem dos seus interesses, e que mesmo diante das várias definições de ecomuseus, alguns elementos são comuns, a saber: comunidade; herança; sustentabilidade e localização. Para os autores, os ecomuseus são o desenvolvimento das comunidades, e esses espaços contribuem para a preservação das tradições e os costumes da localidade, bem como dos recursos naturais locais.

Djordjević (2015) acrescenta que cada comunidade, cada localidade, sua história, seu ambiente natural, e até mesmo suas necessidades influenciam em grande medida no formato final do ecomuseu.

Portanto, os ecomuseus apresentam-se como uma reatualização do museu tradicional, que preserva os aspectos históricos e culturais de uma localidade, bem como leva em consideração os recursos naturais existentes, e cuja diferença está na forma de envolver a comunidade local nas tomadas de decisão, na liberdade de dar sugestões e ter liberdade para criticar. Compreende-se, pois, que o ecomuseu vem também como forma de promover educação para população residente, e essa propositura converge de forma positiva para a proposta da criação de um ecomuseu em destinos que desejam destacar o aspecto histórico-cultural do lugar.

Em síntese, notou-se que a intenção com o ecomuseu, é que além de preservar a história local, seja possível envolver os moradores locais nas tomadas de decisões, nas exposições de suas ideias, e dar abertura para se ter liberdade de criticar sobre o que não está dando certo ou não, fazendo assim com que a comunidade se sintam parte importante do processo de desenvolvimento desse ambiente.

### **3. METODOLOGIA**

Como procedimentos metodológicos, utilizou-se de pesquisa qualitativa e como instrumento de pesquisa, fez-se uso da entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica também foi utilizada, especialmente, para elaboração do referencial teórico deste trabalho. Para análise dos dados, a técnica análise de conteúdo foi a escolhida para ser aplicada neste estudo.

Com relação as entrevistas, destaca-se que: o respondente A, foi entrevistado dia 16/02/2018; os respondentes B, C, e D foram entrevistados dia 11/02/2018; os respondentes E, F, G foram entrevistados dia 12/02/2018; e o respondente H foi entrevistado dia 16/02/2018. As entrevistas foram marcadas com antecedência de acordo com a disponibilidade de cada ator participante da pesquisa. A amostragem utilizada para definição dos atores a serem entrevistados foi a não-probabilística por conveniência.

Ainda quanto a escolha dos atores entrevistados, ressalta-se que o apoio de instituições e comunidade local é uma ação imprescindível. Logo, tem-se no Quadro 1, os atores locais e as possíveis contribuições que cada um pode oferecer ou se dispor a ajudar para o processo de criação, execução e/ou manutenção do ecomuseu em Babaçulândia. Esse fato justifica a escolha dos atores locais para participar da entrevista quanto a percepção sobre a implementação de um ecomuseu na referida cidade.

QUADRO 1: POTENCIAIS PARCEIROS OU INSTITUIÇÕES APOIADORAS

Entidade/Instituição	Responsável (eis)	Possível Contribuição
Prefeitura Municipal de Babaçulândia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prefeito Municipal</li> <li>• Secretário Municipal de Turismo</li> <li>• Secretário de Educação</li> <li>• Secretário de Cultura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço para criação do Museu;</li> <li>• Envolvimento das escolas no processo execução do projeto;</li> <li>• Oferta de profissionais para prestar serviço no ambiente do museu.</li> </ul>
Escola Municipal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diretores;</li> <li>• Professores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fotos, objetos que foram utilizados pelas quebradeiras, artesanato e o fruto do Babaçu para que possa ser exposto no (eco)museu;</li> <li>• Realização de aulas no ambiente do museu;</li> <li>• Elaboração de propostas e realização de projetos para serem desenvolvidos pelos alunos.</li> </ul>
Escola Estadual		
Empresa Privada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proprietário</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mesas, cadeiras, entre outros, materiais de escritório.</li> </ul>
Representantes das Quebradeiras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quebradeiras de coco da cidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Doação de itens que podem ser expostos no ecomuseu;</li> <li>• Possibilidade de definir momentos para uma contação de histórias.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Desse modo, foram 8 atores locais entrevistados, entre eles homens e mulheres todos pertencentes e moradores do município de Babaçulândia. Dentre os atores respondentes estavam: o prefeito municipal (gestor público), as quebradeiras de coco, proprietários de empresas do setor privado, e o representante da associação dos barqueiros da localidade. Explica-se que não há uma associação de quebradeiras de coco no local, mas entende-se que seria de suma importância a existência de tal, principalmente para o incentivo a valorização da produção advinda do coco babaçu.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico tem-se os resultados encontrados a partir de uma entrevista feita com atores locais, cujo objetivo principal foi identificar a percepção desses quanto a importância da implementação de um Ecomuseu em Babaçulândia. No Quadro 2, inicialmente, verifica-se a caracterização dos sujeitos entrevistados.

QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.

SUJEITO	GÊNERO	IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	CARGO OU FUNÇÃO
<b>SETOR PÚBLICO</b>				
A	Masculino	51	Ensino Superior completo	Prefeito
<b>QUEBRADEIRAS DE COCO</b>				
B	Feminino	62	4º ano do Ensino fundamental	Quebradeira de coco
C	Feminino	70	1º ano do ensino Fundamental	Quebradeira de coco
D	Feminino	52	5º ano do ensino Fundamental	Quebradeira de coco
<b>COMUNIDADE LOCAL</b>				
E	Feminino	42	5º ano do ensino fundamental	Dona de casa
F	Feminino	72	Ensino Superior Completo	Funcionária pública aposentada
G	Masculino	76	4º ano do ensino fundamental	Transportava coco em seu motor
H	Masculino	52	Ensino superior completo	Presidente Fiscal da Associação dos Barqueiros

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nesta pesquisa, 8 atores locais foram entrevistados, e quanto a caracterização, em relação ao gênero, (5) desses são mulheres e (3) são homens. Com relação a idade dos entrevistados, houve uma variação de 51 a 76 anos, o que demonstra que os questionamentos foram respondidos por pessoas mais experientes e conhecedoras das mudanças que a cidade de Babaçulândia passou. Puderam opinar com propriedade quando

a evolução histórico-cultural do lugar, independente de formação, uma vez que vivenciaram as mudanças acontecidas em relação ao uso do coco babaçu ao longo dos últimos anos.

Em se tratando do nível de escolaridade, dos 8 entrevistados, verificou-se que (3) possuem ensino superior, enquanto os demais possuem apenas ensino fundamental. Observou-se que os atores com ensino superior detinham um conhecimento com relação ao que é um museu e sua funcionalidade. Quanto aos demais, destaca-se a compreensão deles em relação a importância do coco babaçu para a história da cidade e de vida da população local. Já considerando os cargos ocupados pelos entrevistados, foi possível conhecer a opinião de algumas mulheres quebradeiras de coco, do prefeito municipal, e de um presidente de associação de barqueiros quanto a relevância da criação de um Ecomuseu no município de Babaçulândia, opiniões essenciais para um possível resgate dos valores culturais e históricos do lugar.

Mediante as questões elaboradas, obteve-se, com a primeira pergunta, em relação ao que seria um museu e sua importância para a comunidade, as seguintes repostas. Verificou-se que o *Entrevistado A*, compreende o que é um museu, destacando o referido espaço como um local para resguardar memórias e um ambiente para as pessoas realizarem estudos, corroborando assim o seu entendimento com a definição apresentada pelo Instituto Brasileiro de Museus (2014) que apresenta o Museu como um espaço que conserva, pesquisa, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e de seu meio, para diferentes fins. “*É um local onde a gente guarda memórias e para as pessoas fazerem estudos de determinado tipo de trabalho*”. *Entrevistado A*

Conforme a percepção do *Respondente B*, museu seria um local onde se guardam peças, artesanatos e fotos. O entrevistado visualiza o espaço do museu como lugar para guardar itens que revelam e contam a história local. “*Lugares que a gente coloca peças, coisas antigas artesanatos, fotos, para ficar na história*”. *Entrevistado B*

Dos 8 entrevistados, 4 deles (*Entrevistados C, D, E, G*) não demonstraram ter conhecimento com relação ao que seria um (eco)museu, e revelaram que a população local também não entende o que seria esse local, mas destacaram que deveria ser um espaço criado, para que fossem guardados os moinhos trituradores de coco e artesanatos. Os *Respondentes F e H*, apresentaram visões semelhantes, elucidando que museus são locais

de visitas, de fazer reuniões com alunos e para se colocar objetos antigos, além de fotos da cidade, e elementos feitos do coco babaçu que marcaram a história de Babaçulândia.

Entretanto, o *Entrevistado F*, opina que é dispensado um museu na cidade, pois os moradores locais não têm conhecimento do que venha a ser um museu e não há profissionais qualificadas para ensinar essas pessoas. “*É de visitas para colocar objetos antigos é local de pesquisas, reuniões com alunos, é dispensado um museu não tem recursos humanos para ensinar as pessoas, mas se tivesse poderia colocar fotos das mulheres quebrando coco...*” *Entrevistado F*. Observa-se que a falta de entendimento quanto a função de um museu implica em uma resposta dessa natureza, deixa claro, portanto, a necessidade de um processo educativo voltado para sensibilização da comunidade local, em se tratando desse assunto.

Quanto ao segundo questionamento sobre a importância do coco babaçu para a cidade, e como essa valorização acontece ou vem acontecendo na contemporaneidade, os entrevistados mostraram ter a seguinte opinião. Para o *Entrevistado A* o coco babaçu teve muita importância, mas nos dias de hoje não tem mais tanta relevância.

Os *Entrevistados B, C, D e F* responderam que o coco babaçu nos dias de hoje é mais valorizado que antigamente, essa opinião baseou-se nos valores que são cobrados nos itens (comestíveis) ou peças produzidas com o coco. Mas, para os *Respondentes E e H* o coco babaçu teve mais importância antes quando muitas famílias faziam artesanatos e muitas agregaram valor, mas com a chegada da barragem foi fazendo com que essas mulheres fossem embora e deixando de fazer os artesanatos, e hoje esse coco não é mais valorizado.

Identificou-se opiniões contrárias quanto a importância do coco babaçu, na contemporaneidade, o que demonstra falta de conhecimento quanto a valores simbólicos, culturais e históricos que marcam a construção de um lugar, bem como a vida daqueles que ali vivem ou viveram. Sheiner (2012) deixa clara a importância da conservação dos valores simbólicos, e ainda esclarece que o museu se apresenta como espaço educacional e de informação para a comunidade local e para aqueles que visitam uma cidade.

Para o *Entrevistado G*, o coco babaçu significou muito, e foi motivação de deslocamento de famílias de um lugar para outro a fim de sustento. *“Antigamente esse coco pra Babaçulândia era ouro pra nós, muitas pessoas viviam através dele, foi justamente por causa do coco que chegaram pessoas de muitos lugares né, dos estados do Pará, Belém e Maranhão. Minha fia num é valorizado não.” Entrevistado G*

Com relação a terceira pergunta quanto ao conhecimento da história da cidade e o porquê Babaçulândia teria esse nome, as entrevistas resultaram nas seguintes respostas: os *Entrevistados A, B, C, D, E, G, H* revelaram que não conhecem a história da cidade, mas acreditam que esse nome foi dado devido à grande quantidade da palmeira do babaçu que havia na localidade. E apenas o *entrevistado F* relatou conhecer um pouco da história da cidade, e explicou a razão do nome. *“Conheço um pouco. Sei alias me disseram que é por isso, o Zé Aguiar que foi um dos que começou... que ajudou a fazer a passagem de município para cidade de Babaçulândia, há muito tempo para trás tinha criação de carneiros e esses carneiros, para tirar o pelo levava e vendia no Marabá, eu não sei se vendia no Marabá não, mas para Belém vendia, ai como tinha muito babaçu né, então começou babaçu e como também tinha esse carneiro que dava lã colocaram lã e dia por que aurora o primeiro nome daqui significa dia então ficou Babaçulândia .” Entrevistado F*

Notou-se como as pessoas da própria localidade desconhecem a história do lugar onde vivem, o que a longo prazo pode fazer com que os elementos fundamentais em relação a criação e estruturação do destino caia no esquecimento e deixem de serem repassados para as futuras gerações.

A quarta pergunta questionou sobre a criação de um museu na cidade, e revelou que os *Respondentes A, B, C, D, E, F, G e H* tiveram respostas semelhantes no tocante a considerarem importante a comunidade local participar das tomadas de decisão para criação de museu, e destacaram ainda que quem poderia contribuir nesse processo seria o Prefeito da cidade e as quebradeiras de coco do município.

Um processo participativo para a criação de um ecomuseu é o diferencial para a oferta de um espaço interativo e com atividades voltadas para educação, entretenimento, e conhecimento sobre a cidade e os marcos históricos do lugar, uma vez que segundo Sheiner (2012) o ecomuseu seria uma proposta de museu comunitário, e para esse a

participação de diferentes atores é o ponto forte, envolvendo não apenas gestor público e comunidade, mas também associações, setor privado, pesquisadores, estudiosos, dentre outros.

Em se tratando da quinta questão, sobre a disposição do entrevistado em colaborar para a criação de um museu em Babaçulândia e a indicação de quem mais poderia contribuir, obteve-se como resultado que: o *Entrevistado A* estaria disposto a contribuir, e que inclusive estaria disposto a doar o espaço para a criação do museu, pois enquanto Prefeito Municipal gostaria de desenvolver o turismo na cidade e preservar a história do babaçu que foi e é tão importante para a localidade. “*Com certeza! Inclusive nós temos ali um espaço já reservado, que está hoje desocupado, inclusive está sendo guardado*”.  
*Entrevistado A*

O *Respondente B* revelou que estaria disposto a contribuir com artesanatos e fotos que tivesse. Em sua fala destacou: “*Sim. com meus artesanatos eu posso até doar foto, ainda hoje tenho foto do meu jumentinho que carregava os cocos*.” *Entrevistado B*. O *Entrevistado C* respondeu que também contribuiria, e poderia produzir artesanatos de palha do coco babaçu para ser exposto no museu. “*Sim. Bom se eu prestasse eu ia, hoje já tô veá, mas se alguém trazer o material eu faço os artesanatos para colocar*”. *Entrevistado C*

Os *Respondentes D e G* tiveram respostas semelhantes de que estariam dispostos a ajudar, e que poderiam contar algumas histórias locais, pois eles conhecem a história da cidade e das quebradeiras de coco. O *Entrevistado E* revelou que poderia ajudar com a limpeza do local. “*Contribuiria sim. Poderia ajudar na limpeza*”. *Entrevistado E*. E quanto aos *Entrevistados F e H*, esses esclareceram que ajudariam e dariam todo apoio.

Logo, verificou-se que todos os respondentes estariam dispostos a colaborar para que um Ecomuseu fosse construído em Babaçulândia, tornando-o uma realidade. Em suma, com base nas entrevistas realizadas e opiniões dadas, observou-se que a proposta do Ecomuseu tem possibilidade de tornar-se realidade, constituindo-se em um espaço para apreciação dos objetos que eram utilizados pelas quebradeiras de coco, um local para uma educação cultural de visitantes, turistas e da própria comunidade local. Ressalta-se, contudo, que um ator local (comunidade, por exemplo) poderia iniciar o referido processo,

uma vez que apenas assim mudaríamos a realizada local em se tratando do resgate de valores históricos e culturais que acabam se perdendo no tempo e espaço ao longo dos anos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa realizada para a implementação do museu, buscou-se verificar a opinião de gestores municipais e de moradores locais acerca da implementação de um ecomuseu em Babaçulândia. O resultado revelou que os atores locais de Babaçulândia a população local, de modo geral, ainda não conhece ou entende de forma clara o que seria um museu, porém aqueles que detém esse conhecimento acreditam que é importante um museu na cidade.

A falta de conhecimento dos moradores locais sobre o que é um (eco)museu, e a verificação da ausência de profissionais qualificados para sensibilizar as pessoas, foi um ponto constatado com base nas entrevistas. Em razão disso, visualizou-se a pertinência em realizar palestras para este fim.

Ainda a partir da pesquisa, percebeu-se que o coco babaçu foi muito importante para as famílias, muitas que dependiam exclusivamente dessa castanha para sobreviver. E que a proposta de um ecomuseu vem como forma de valorizar e preservar a história de constituição da cidade de Babaçulândia que está diretamente atrelada ao uso do coco babaçu.

Verificou-se, também, que os entrevistados concordam em contribuir para a execução de um projeto de criação de um ecomuseu no município e consideram sim relevante que a comunidade participe das tomadas de decisões. Como fator positivo, destaca-se que o prefeito municipal demonstrou total interesse na proposta e inclusive disponibilizou um espaço para tal feito. E como fator limitante da pesquisa realizada, cita-se a ausência de um secretário (a) municipal de turismo na cidade, bem como o fato de não ter sido possível realizar entrevista com atores do setor privado local, tendo em vista a disponibilidade dessas pessoas.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. Museus e autenticidade no turismo. **Revista Itinerarium**, v.1, 2008. Departamento de Turismo e Patrimônio – Escola de Museologia - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/itinerarium>>. Acesso em: 07/12/2017.

BABAÇU. 2017. Disponível em: <<http://www.arara.fr/BBBABACU.html>>. Acesso em: 27/01/2018.

BRULON, B. **A Invenção do Ecomuseu: O caso do Ecomusée du Creusot Monteceau-Les-Mines e a prática da Museologia experimental.** Mana 21 (2):267-2015-Dor [http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015\\_v2\\_p267](http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015_v2_p267). Acesso em: 22/01/2018.

CESTE, **Quebradeiras de Coco do Babaçu**, Copyright © 2007 by.

CHAVES, C. F.; LIRA, N. B. O. As Quebradeiras de coco babaçu do Município de Babaçulândia: uma história de perseverança. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 6, n. 4, pub.5, outubro. Disponível em: <<https://assets.itpac.br/arquivos/Revista/64/5.pdf>>. Acesso em: 15/12/2017.

DJORDJEVIC, B. **Ecomuseums and creative tourism – the untapped potential of serbia.** Proceedings of the Regional Conference of the National Committies of ICOM. Belgrade, 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/30852227/Ecomuseums\\_and\\_Creative\\_Tourism\\_the\\_Untapped\\_Potential\\_of\\_Serbia\\_In\\_Museums\\_and\\_Cultural\\_Tourism\\_Connecting\\_differences\\_B\\_Djordjevi%C4%87\\_ed\\_ICOM\\_Serbia\\_Belgrade\\_pp\\_114-125\\_Pl\\_5](https://www.academia.edu/30852227/Ecomuseums_and_Creative_Tourism_the_Untapped_Potential_of_Serbia_In_Museums_and_Cultural_Tourism_Connecting_differences_B_Djordjevi%C4%87_ed_ICOM_Serbia_Belgrade_pp_114-125_Pl_5)>.

FUNARY, P. P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural.** 1 edição. São Paulo, 2001.

GASTAL, S.; MOESCH, M. **Turismo, Política e Cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).

GONÇALVES, A. R. **O museu como polo de atração turística.** 2009. Disponível em: <[www.academia.edu/28128087/o-museu-como-polo-de-atração-turística-1](http://www.academia.edu/28128087/o-museu-como-polo-de-atração-turística-1)>. Acesso em: 08/12/2017.

HUFFNER, J. G. P.; MARTINS, M. T. R.; BASTOS, M. S. C. B. A possível atuação do Ecomuseu da Amazônia no desenvolvimento do turismo de base comunitária na Ilha de Cotijuba – PA. **Revista Turismo, Visão e Ação**, Vol. 20 - n. 2 - mai./ago. 2018. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/download/13160/7510>>.

Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM. **Museus e Turismo: Estratégias de cooperação-Brasília, DF: IBRAM, 2014.**

**IBGE.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&search=Tocantins%7cbabaculandia>>. Acesso em: 31/01/2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/extras/perfil.php?lang=&codmun=170>>.

300&search=IInfograficos:-informacoes-completas>. Acesso em: 31/01/2018.

LEANDRO, J.J. O Babaçu Semeando Cidades. p,223-236. **Revista São Luís Orione/Fundação Católica Don Orione**. Ano 7, v. 1, n.1, jan./dez.2007. Araguaína: FACDO, 2007.

**Localização de Babaçulândia (Google Imagens)**. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/ad/Tocantins\\_Municip\\_Babaculandia.svg/300px-Tocantins\\_Municip\\_Babaculandia.svg.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/ad/Tocantins_Municip_Babaculandia.svg/300px-Tocantins_Municip_Babaculandia.svg.png)>. Acesso em: 22/02/2018.

MARTINS, J. C. O. **Turismo, cultura e identidade**. 1ª edição. São Paulo: Editora Roca Ltda, 2003.

MAGALHÃES, F. P. O. O centro histórico de Lisboa enquanto ecomuseu: construindo pontes entre os turistas, os locais e o património. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo, Volume 7, Dossiê Número 3, dez. 2017, p. 114-136. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/4176/3009>>.

NEGACZ, K.; PARA, A. The ecomuseum as a sustainable product and an accelerator of regional development. The case of the Subcarpathian Province. **Estudos Econômicos e Ambientais**, Vol.14, Nº1 (29/2014), 51-73, março de 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/272020981\\_The\\_ecomuseum\\_as\\_a\\_sustainable\\_product\\_and\\_an\\_accelerator\\_of\\_regional\\_development\\_The\\_case\\_of\\_the\\_Subcarpathian\\_Province](https://www.researchgate.net/publication/272020981_The_ecomuseum_as_a_sustainable_product_and_an_accelerator_of_regional_development_The_case_of_the_Subcarpathian_Province)>.

OLIVEIRA, J. C. A. de. Do museu casa ao ecomuseu: aproximações e distanciamentos na sociedade e no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, Número Especial, p. 157-166, out. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/2014/1523>>.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <[bibiotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080](http://bibiotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080)>. Acesso em :15/12/2017.

SHEINER, C. T. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi**. Ciências Humanas., Belém, vol.7, n.1, p. 15-30, jan-abr. 2012. Disponível em: <<http://dr.doi.org/10.1590/51981-81222012000100003>>. Acesso em: 10/12/2017.

VASCONCELLOS, C. M. **Turismo e museus**. 1ª edição, mar. 2006, São Paulo: Aleph. (Coleção ABC do Turismo).